



HELMINTÍASES NO BRASIL: DESAFIOS PARA O CONTROLE E IMPACTOS NA SAÚDE PÚBLICA

NATALIA DE CARVALHO AQUINO; DHENNYFER KESSIA GOMES; ISABELLA CRISTINA DE ARRUDA BESSAS; ANA KAROLINA AUGUSTA BROIANO; NEUDSON JOHNSON MARTINHO

RESUMO

Introdução: As helmintíases, causadas principalmente pelos parasitas *Ancylostoma duodenale*, *Trichuris trichiura* e *Ascaris lumbricoides*, são doenças com ocorrência registrada em diferentes regiões do mundo, com maior prevalência em regiões tropicais, onde o acesso ao saneamento básico e à água potável é limitado. Classificadas como Doenças Tropicais Negligenciadas, essas infecções parasitárias têm forte relação com desigualdades sociais e ambientais, afetando principalmente crianças em idade escolar e pré-escolar. **Objetivo:** O presente estudo objetiva realizar uma revisão literária, com enfoque nos impactos das helmintíases na saúde da população brasileira e nos principais desafios enfrentados no controle dessas infecções. **Metodologia:** Como fonte de dados foram utilizadas as bases: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e a Scientific Electronic Library Online (SciELO), além da consulta a documentos oficiais do Ministério da Saúde e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com temporalidade das publicações entre 2018 e 2025, nos idiomas português, inglês e espanhol. Os critérios de inclusão envolveram estudos que abordassem a realidade brasileira e os efeitos destas geo-helmintíases na saúde pública. **Resultados:** No rastreamento literário ficou evidenciado que as infecções concentram-se mais em populações de vulnerabilidade social, refletindo a existência de iniquidades sociais. Neste contexto, crianças menores de 10 anos apresentaram maior prevalência, decorrente da imaturidade imunológica e aos hábitos de higiene insuficientes. Outro fator identificado nas pesquisas foi a influência do manejo inadequado do lixo e a falta de acesso ao tratamento de esgoto, os quais são fatores agravantes na disseminação dos parasitas. A ausência de ações de educação em saúde dificultou a compreensão da população sobre a relação entre saneamento, lixo e transmissão das doenças. **Conclusão:** Destarte, as geo-helmintíases seguem como um desafio para a saúde pública, diretamente relacionadas à falta de saneamento básico, ao manejo inadequado de resíduos e à baixa educação em saúde. A população pediátrica ainda é a mais afetada, especialmente em contextos de maior vulnerabilidade social. Entretanto, a carência de dados secundários atualizados dificulta a compreensão da real magnitude do problema no Brasil, bem como a elaboração de políticas de saúde mais assertivas e eficazes para seu enfrentamento, demonstrando a necessidade de pesquisas nesta área.

Palavras-chave: Doenças parasitárias; Doenças Negligenciadas; Vulnerabilidade social

1 INTRODUÇÃO

Doenças cosmopolitas, como a helmintíase, são de ampla distribuição geográfica, afetando homens e animais, mas com maior ocorrência em regiões tropicais (SOUZA; KRAYCHETE, 2014). A helmintíase é comumente causada pelos parasitas *Ancylostoma duodenale*, *Trichuris trichiura* e *Ascaris lumbricoides*. Sua prevalência está associada à

ausência de infraestrutura sanitária adequada, às transformações nos padrões ambientais e climáticos e aos movimentos migratórios. Além disso, é considerada uma doença negligenciada (GERHARDT et al., 2022).

De acordo com a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) e a Organização Mundial da Saúde (OMS), cerca de 820 milhões de pessoas vivem com infecção por *Ascaris lumbricoides*, enquanto aproximadamente 460 milhões estão infectadas por *Trichuris trichiura* e outras 440 milhões por ancilostomídeos (OPAS, 2018). No Brasil, as infecções por helmintos estão presentes em todas as regiões, com maior concentração nas zonas rurais e periferias urbanas. Inquéritos realizados entre 2005 e 2016 indicam redução dos casos no Sul e Sudeste, enquanto as regiões Norte e Nordeste continuam com altas prevalências (BRASIL, 2018).

Considerando a relevância do tema para a saúde pública nacional, este trabalho tem como objetivo realizar uma revisão narrativa da literatura sobre as helmintíases no Brasil, abordando seus principais impactos na saúde da população, além de discutir os desafios enfrentados nas estratégias de controle, incluindo o uso periódico de anti-helmínticos, o acesso ao saneamento básico e as ações de educação em saúde.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão de literatura do tipo narrativa, descritiva, com abordagem qualitativa. A busca foi realizada em bases de dados científicas: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e o Scientific Electronic Library Online (SciELO), além de documentos oficiais disponibilizados por órgãos como o Ministério da Saúde e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Foram selecionados artigos, manuais, diretrizes e relatórios técnicos que abordam as geo-helmintíases no Brasil, seus impactos na saúde pública, como anemia, desnutrição e comprometimento do desenvolvimento infantil, e os desafios enfrentados nas estratégias de controle, como o uso periódico de anti-helmínticos, acesso ao saneamento básico e educação em saúde.

Os critérios de inclusão consideraram publicações em português, inglês e espanhol, disponibilizadas no período de 2018 a 2025, que apresentassem dados ou discussões relevantes sobre o tema em epígrafe. Foram excluídos artigos duplicados, trabalhos que não abordassem diretamente geo-helmintíases ou, não relacionadas as mesmas e que não contemplassem a realidade brasileira.

Os dados obtidos foram organizados em tópicos, sintetizados e apresentados em forma descritiva, com apoio de quadros e gráficos elaborados no programa Excel, a fim de facilitar a visualização dos principais achados. Ressalta-se que, por se tratar de uma pesquisa baseada em dados secundários de domínio público, esta revisão dispensa apreciação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

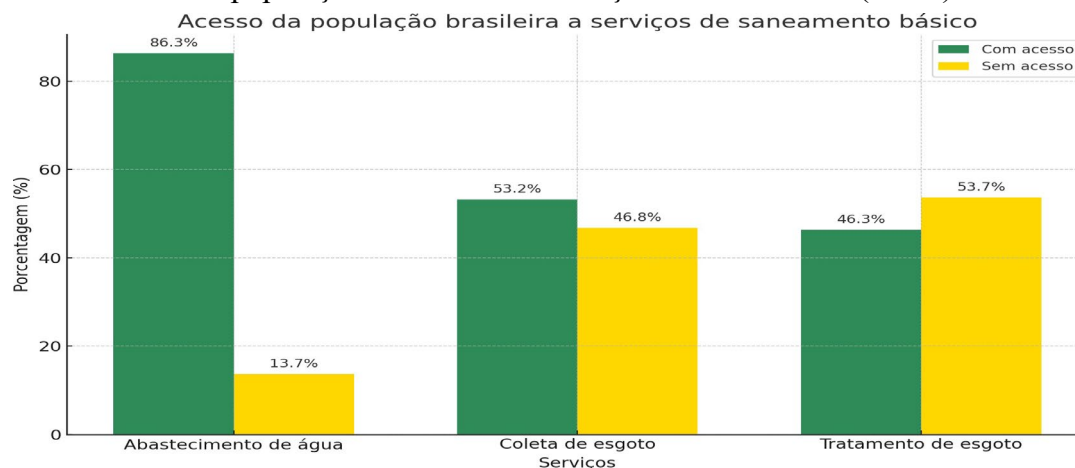
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise dos artigos “*Prevalência de infecções por geo-helmintos em comunidades brasileiras: uma revisão sistemática*” (MOREIRA-MESQUITA et al., 2021) e “*O lixo e a prevenção de geo-helmintíases em comunidades de Unidades de Saúde da Família: relato de experiência*” (SILVA et al., 2025), percebe-se que a ocorrência das geo-helmintíases concentra-se, sobretudo, entre os segmentos mais vulneráveis da população, refletindo desigualdades sociais e condições precárias de vida. Essas doenças são intrinsecamente ligadas às condições de saneamento básico, à precarização da higiene e à dificuldade de acesso à água potável.

Segundo dados de 2018 do Sistema Nacional de Informação sobre Saneamento (SNIS), 86,3% dos brasileiros possuíam acesso ao serviço de abastecimento de água, mas,

quando observados os dados referentes ao esgotamento sanitário, percebe-se que os números caem consideravelmente, sendo que 53,2% da população era atendida com coleta de esgoto, enquanto somente 46,3% tinha acesso ao tratamento de esgoto (BRASIL, 2019).

Gráfico 1: Acesso da população brasileira aos serviços de saneamento (em %)



Fonte: Secretaria Nacional de Saneamento - SNS

Dessa forma, constata-se que a parcela da população privada de acesso aos serviços básicos de saneamento torna-se mais suscetível à contaminação por doenças do grupo das geo-helmintíases (SILVA et al., 2025; MOREIRA-MESQUITA et al., 2021). O manejo inadequado do lixo é apontado por ambos como um fator agravante. O relato de experiência enfatiza que o acúmulo de lixo favorece a proliferação de vetores, como mosquitos, baratas e roedores, além do carreamento de larvas e ovos de parasitas intestinais, contaminando o solo e a água (SILVA et al., 2025). A revisão sistemática reforça, afirmando que a falta de saneamento é a principal característica que influencia a disseminação e contaminação do meio ambiente e que a aglomeração de chuvas, em conjunto com o lixo, favorece o desenvolvimento dos ovos de parasitas como *Ascaris lumbricoides* (MOREIRA-MESQUITA et al., 2021).

Além disso, cabe ressaltar que os principais parasitas causadores de geo-helmintíases identificados foram *Ascaris lumbricoides*, *Trichuris trichiura* e ancilostomídeos, popularmente conhecidos como lombriga, tricuriase e amarelão. A partir dessa identificação, os artigos delimitaram seus recortes etários de maneira distinta: no relato de experiência, o foco foi direcionado à população idosa, enquanto a revisão sistemática considerou uma ampla faixa etária, de 0 a 93 anos. Apesar das diferenças metodológicas, ambos os estudos evidenciaram uma maior prevalência de infecções entre crianças, demonstrando a maior vulnerabilidade desse grupo etário às condições propícias à contaminação por geo-helminthos (SILVA et al., 2025; MOREIRA-MESQUITA et al., 2021).

Ademais, cabe dizer que, essas infecções causadas por helmintos e protozoários produzem impactos diretos e indiretos em indivíduos, na comunidade e no sistema de saúde como um todo. Do ponto de vista clínico, as parasitoses causam complicações nutricionais, como anemia crônica, perda de peso, deficiências vitamínicas, além de inflamações intestinais que enfraquecem o sistema imunológico. Esses efeitos, muitas vezes silenciosos, comprometem o bem-estar e reduzem a produtividade da população afetada (SOCIEDADE BRASILEIRA DE MEDICINA TROPICAL, 2024).

Outrossim, as crianças apresentam maior propensão às infecções parasitárias intestinais em razão de uma série de fatores interligados, que vão desde aspectos biológicos até condições socioambientais. A vulnerabilidade desse grupo etário pode ser explicada, primeiramente, pela imaturidade do sistema imunológico. Durante a infância, as defesas

orgânicas ainda estão em processo de desenvolvimento, o que torna o organismo infantil mais suscetível à ação de agentes parasitários. Além disso, hábitos de higiene inadequados são recorrentes entre crianças e adolescentes, contribuindo significativamente para a transmissão desses parasitas. A ausência de uma educação sanitária eficaz e a falta de conscientização sobre práticas de higiene pessoal, como lavar as mãos antes das refeições ou após o uso do banheiro, favorecem a perpetuação do ciclo de infecção (BARROS et al., 2024).

As atividades cotidianas e as interações sociais também influenciam a exposição infantil aos parasitas, visto que crianças costumam brincar ao ar livre, muitas vezes descalças e em locais contaminados, o que aumenta o risco de ingestão de ovos de helmintos presentes no ambiente (BARROS et al., 2024). Dados de um estudo indicam que crianças com menos de 10 anos apresentaram uma taxa ligeiramente superior de infecção (52,34%) em comparação àquelas com mais de 10 anos (47,65%), reforçando a ideia de que crianças mais jovens estão mais expostas e são biologicamente mais vulneráveis aos fatores que favorecem as infecções parasitárias intestinais (BARROS et al., 2024).

Deste modo, destaca-se que, ambos os artigos concordam na defesa da educação em saúde como ferramenta fundamental para a redução das infecções por geo-helmintíases (SILVA et al., 2025; MOREIRA-MESQUITA et al., 2021). O relato de experiência desenvolvido em Belém destaca um desafio significativo: embora a população demonstre interesse e reconheça sintomas das parasitoses por nomes populares, como “lombrigas”, além de conhecer medidas gerais de prevenção, como a lavagem de frutas e das mãos, a maioria não estabelece uma relação direta entre o lixo e a transmissão das geo-helmintíases (SILVA et al., 2025). Essa associação é frequentemente direcionada a doenças transmitidas por vetores, como dengue e leptospirose. Essa barreira no entendimento específico reforça a necessidade urgente de ações educativas mais focadas e direcionadas, que esclareçam o papel do manejo adequado do lixo na prevenção das geo-helmintíases (SILVA et al., 2025; MOREIRA-MESQUITA et al., 2021). Dessa forma, as intervenções em saúde pública poderão ser mais eficazes, promovendo o conhecimento correto e incentivando práticas de higiene e saneamento que atuem diretamente na interrupção do ciclo de transmissão desses parasitas.

4 CONCLUSÃO

Destarte, as geo-helmintíases seguem sendo um desafio para a saúde pública brasileira. Como foi observado na análise, esse grupo de infecções está diretamente relacionado à precariedade do saneamento básico no país, bem como ao manejo inadequado de resíduos e à falta de acesso à educação em saúde. Esse cenário tem repercutido, principalmente, na população pediátrica, visto que as crianças são as mais afetadas devido à imaturidade imunológica, aos hábitos de higiene inadequados e à maior exposição a ambientes contaminados. Ademais, ressalta-se que, apesar dos avanços observados em algumas regiões, a persistência das desigualdades sociais e da falta de infraestrutura mantém elevadas as taxas de infecção, sobretudo nas regiões Norte e Nordeste do país.

Todavia, cabe destacar que este estudo encontrou algumas limitações associadas a precariedade dos dados secundários disponíveis, sujeitos a subnotificações e desatualização em algumas regiões. Diante disso, recomenda-se que futuras pesquisas ampliem os levantamentos epidemiológicos e avaliem intervenções integradas que associam a questões como saneamento básico, acesso a ações de educação em saúde e políticas públicas efetivas. A superação desse problema demanda uma atuação intersetorial, a fim de romper com o ciclo de transmissão e mitigar as consequências e impactos na vida da população pediátrica.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de

Vigilância das Doenças Transmissíveis. **Guia prático para o controle das geo-helmintíases** [recurso eletrônico]. Brasília: Ministério da Saúde, 2018. 33 p.: il.; tab. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_pratico_controle_geo-helmintias.pdf. ISBN 978-85-334-2622-1. Acesso em: 20 jun. 2025.

GERHARDT, R.; CHEHUFFER, G.; CARDOSO, N. B.; et al. **Helmintoses: uma revisão de artigos**. Revista da Associação Médica Brasileira, Rio de Janeiro, v. 68, n. 1, 2022. DOI: 10.1590/1806-9282.20210789. Acesso em: 20 jun. 2025.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Plano de ação para a eliminação de doenças infecciosas negligenciadas e pós eliminação 2016-2022**. 2016. 68ª Sessão do Comitê Regional da OMS para as Américas,. Washington, D.C., EUA, 26 a 30 de setembro de 2016. Disponível em: <<http://www.paho.org/hq/index.php?option=comdocman&task=docdownload&gid=35853&Itemid=270&lang=pt>>. Acesso em: 20 jun. 2025.

SOUZA, M.F.; KRAYCHETE, D.C. **A ação analgésica da lidocaína intravenosa no tratamento da dor crônica: uma revisão de literatura**. Revista Brasileira de Reumatologia, São Paulo, v. 54, n. 5, p 386–392, 2014. DOI: 10.1016/j.rbr.2014.10.010. Acesso em: 20 jun. 2025.

SILVA, Gabriel Costa da; MODESTO, Maria Fernanda Nascimento; PONTES, Ana Rosa Botelho; BITAR, Maria Amélia Fadul; LOPES, Márcia Maria Bragança; PIMENTA, Bruna Marques; SANTOS, Isabella Lago Pinheiro dos; DANTAS, Nara Regina Barbosa. **O lixo e a prevenção de geo-helmintíases em comunidades de unidades de saúde da família: relato de experiência**. Revista Foco, v. 18, n. 2, p. 01-17, 2025. DOI: 10.54751/revistafoco.v18n2-161

MOREIRA-MESQUITA, Cássia Aline; ALMEIDA-TORQUETE, Michele; PAIVA-BARÇANTE, José Manuel; BARÇANTE, Thales Allyrio; GUIMARÃES, Andréa Márcia; BARCELLOS-MAGALHÃES DA ROCHA, Cláudia Márcia. **Prevalência de infecções por geo-helmintos em comunidades brasileiras: uma revisão sistemática**. *Spei Domus*, v.17,n.2,p.1–18,2021.Disponível em: <https://doi.org/10.16925/2382-4247.2021.02.01>. Acesso em: 21 jun. 2025.

Brasil. Ministério do Desenvolvimento Regional. Secretaria Nacional de Saneamento – SNS. **Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento: 24º Diagnóstico dos Serviços de Água e Esgotos – 2018**. Brasília: SNS/MDR, 2019. 180 p.: il.

BARROS, Lucas França de; ZANETTI, Andernice dos Santos; FERNANDES, Rosilainy Surubi; LEITE, Luan Marcelo Gonçalves; CORTELA, Denise da Costa Boamorte; MOREIRA, Marilene Aparecida; ARAÚJO, Marta dos Santos Miranda de; MALHEIROS, Antonio Francisco. **Prevalência de parasitas intestinais entre crianças e adolescentes em comunidades rurais: um estudo transversal em Cáceres/MT**. Cuadernos de Educación y Desarrollo, [S. l.], v. 16, n. 4, abr. 2024. DOI: 10.55905/cuadv16n4-059. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/379747526>. Acesso em: 21 jun. 2025.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE MEDICINA TROPICAL. **Parasitoses intestinais e seu impacto na sociedade**. SBMT, 06 jun. 2024. Disponível em: <https://sbmt.org.br/parasitoses-intestinais-e-seu-impacto-na-sociedade/>. Acesso em: 21 jun. 2025.